

O SACRIFÍCIO DA CARNE: UMA LEITURA DO CONTO “O CORPO”, DE CLARICE LISPECTOR

THE SACRIFICE OF THE FLESH: A READING OF THE SHORT STORY “O CORPO”, WRITTEN BY CLARICE LISPECTOR

EL SACRIFICIO DE LA CARNE: UMA LECTURA DEL CUENTO “O CORPO”, DE CLARICE LISPECTOR

*Anna Carolina DEODATO**

Resumo: Em “O corpo”, um dos treze contos a compor o livro **A via crucis do corpo** (1998), Clarice Lispector apresenta um casamento incomum, formado por um homem bígamo e as duas companheiras. Permeada por um erotismo lascivo e pitoresco, a relação entre os três se constrói a partir dos êxtases corporais provocados por meio das atividades de “baixo ventre” – sexual e alimentar. A tensão atrelada às atividades eróticas é crescente até resultar em assassinato, um sacrifício necessário à continuação da vida. Baseada na obra **O erotismo** (2017) de Georges Bataille, proponho uma leitura crítica acerca do simbolismo incorporado às atividades eróticas exercidas no conto, assim como seu impacto no desenvolvimento das personagens femininas no decorrer do enredo.

Palavras-chave: Erotismo; Corpo; Clarice Lispector.

Abstract: In “O corpo”, one of the thirteen short stories to make up the book **A via crucis do corpo** (1998), Clarice Lispector presents an unusual marriage, formed by a bigamist man and his two partners. Permeated by a lascivious and picturesque eroticism, the relationship between the three of them is built from the body ecstasies provoked by the “low belly” activities – sexual and nourish. The tension associated with erotic activities grows until it results in a murder, a necessary sacrifice for the continuation of life. Based on the work **O erotismo** (2017) by Georges Bataille, I propose a critical reading about the symbolism incorporated into erotic activities carried out in the short story, as well as its impact on the development of female characters in the course of the plot.

Keywords: Eroticism; Body; Clarice Lispector.

Resumen: En “O corpo”, uno de los trece cuentos que componen el libro **A via crucis do corpo** (1998), Clarice Lispector presenta un matrimonio insolito, formado por um hombre bígamo y sus dos parejas. Impregnada de un erotismo lujurioso y pintoresco, la

* Mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Gastronomia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: annadeodato@gmail.com.

relación entre los tres se construye a partir de los éxtasis corporales provocados por las actividades del “bajo vientre” – sexuales y alimentarias. La tensión asociada a las actividades eróticas va en aumento hasta que se traduce en un asesinato, un sacrificio necesario para la continuación de la vida. Partiendo de la obra **O erotismo** (2017) de Georges Bataille, propongo una lectura crítica sobre el simbolismo incorporado a las actividades eróticas ejercidas en la historia, así como su impacto en el desarrollo de personajes femeninos a lo largo de la trama.

Palabras clave: Erotismo; Cuerpo; Clarice Lispector.

O que o ato de amor e o sacrifício revelam é a carne.
Georges Bataille (2017, p. 116)

Erótico, transgressor e sangrento – assim podemos caracterizar brevemente “O corpo” (1998). Escrito por Clarice Lispector (1920-1977), este é um dos treze contos a compor o livro **A via crucis do corpo**, publicado em 1974 como resultado de uma escrita por encomenda, na qual o corpo, “nos seus desarranjos pulsionais, na tirania de seus desejos, nas suas fraturas e feridas, nos seus êxtases”, de acordo com Chiara (1998, Orelha do livro), é a personagem principal e constante.

Lispector inicia o livro ao tecer uma explicação sobre a origem desse trabalho, a princípio tão destoante do resto de sua obra: “O poeta Álvares Pacheco, meu editor na Artenova, me encomendou três histórias que, disse ele, realmente aconteceram. Os fatos eu tinha, faltava a imaginação” (LISPECTOR, 1998, p. 11). Como se antecipasse o julgamento, a autora justifica que não escreve pelo dinheiro, mas movida pelo impulso, sem importar-se com as “pedras” que seriam lançadas, finalizando com a sentença: “Não sou de brincadeiras, sou mulher séria” (LISPECTOR, 1998, p. 11).

Parte da crítica respondeu negativamente ao resultado, atendo-se à construção de Clarice Lispector como um ícone da literatura filosófica. A própria autora inclui uma crítica ao dizer, ainda na Explicação: “Uma pessoa leu meus contos e disse que aquilo não era literatura, era lixo. Concordo. Mas há hora para tudo. Há também a hora do lixo” (LISPECTOR, 1998, p. 12). Escapa a essas críticas aspectos importantes da obra, como a inserção de assuntos tabus, o diálogo com outros autores e a remissão da literatura erótica brasileira (INSTITUTO MOREIRA SALLES, 2019).

A forte teor erótico presente no texto permeia esta análise, servindo como um *leitmotiv* dos acontecimentos e das personagens. Em **O erotismo**, Bataille (2017) discorre a respeito dos três tipos de erotismo presentes na literatura: o erotismo dos corpos, dos corações e o sagrado. No caso deste trabalho, dois foram enfatizados: o erotismo sagrado e o erotismo dos corpos. Ainda de acordo como autor, tais formas são uma tentativa de substituição da descontinuidade, a fim de obter a “continuidade profunda”.

“O corpo” é o segundo conto do livro, escrito dois dias após o desafio proposto por Álvares Pacheco, no qual aborda o casamento bígamo de Xavier com Carmem e Beatriz. Não há qualquer debate ou questionamento acerca da relação – ela é aceita com aparente naturalidade pelas mulheres, conhecida pelos demais, e, assim, expressa uma certa estabilidade que inicialmente choca o leitor.

Lispector inicia o conto descrevendo Xavier a partir do porte físico: “Xavier era um homem truculento e sanguíneo. Muito forte esse homem” (LISPECTOR, 1998, p. 12). Outras características da personagem, descritas ao longo do texto, levarão o leitor a associá-lo com um touro, principalmente em se tratando do apetite voraz relacionado não só à alimentação, como também à sexualidade:

Xavier bebeu vinho francês. E comeu sozinho um frango inteiro. Cada noite era uma. Às vezes duas por noite. A que sobrava ficava assistindo. Uma não tinha ciúme da outra (LISPECTOR, 1998, p. 21).

Já Carmem e Beatriz são descritas como oposições físicas e de personalidade uma da outra: “Beatriz comia que não era vida: era gorda e enxundiosa. Já Carmem era alta e magra [...] Carmem era mais elegante. Beatriz, com suas banhas, escolhia biquíni e um sutiã mínimo” (LISPECTOR, 1998, p. 21-22). Apesar das diferenças, é retratado que as duas mulheres dividiam não apenas o mesmo homem de maneira natural como também o mesmo alimento: “As duas comeram o outro frango. Os frangos eram recheados de farofa de passas e ameixas, tudo úmido e bom” (LISPECTOR, 1998, p. 21-22).

A relação entre Xavier, Carmem e Beatriz aparenta desenrolar-se em torno da atividade sexual e da alimentação. É possível perceber que as duas mulheres se dedicam às artes culinárias, talvez possuindo, assim como no caso da atividade sexual, o objetivo de agradar o marido:

[...] compraram um receituário em castelhano. E se esmeraram nos molhos e nas sopas. Aprenderam a fazer rosbife. Xavier engordou três quilos e sua força de touro cresceu-se (LISPECTOR, 1998, p. 23).

Essa hipótese ganha força após o assassinato de Xavier, quando as mulheres perdem o gosto pela cozinha:

Quando anoitecia a tristeza caía sobre elas. Não tinham mais gosto de cozinhar. De raiva, Carmem, a colérica, rasgou o livro de receitas em francês. Guardou o castelhano: nunca sabia se ainda não seria necessário (LISPECTOR, 1998, p. 27).

Comumente vistas como temáticas desconexas, a sexualidade e a arte de comer se aproximam em determinados aspectos. O primeiro deles seria a ligação pelo prazer proporcionado pelas duas atividades. Sugere-se que o prazer advindo da alimentação tenha sido uma forte influência, dentre outras funções humanas, no comportamento sexual:

No curso evolutivo do homem, a alimentação certamente condicionou o desenvolvimento do corpo humano, e em especial do cérebro, que por sua vez modificou, progressivamente, o comportamento alimentar, determinando uma acirrada concatenação de relações de causa e efeito que, juntas, influenciaram o comportamento sexual e outras funções (BONA, 2013, p. 190).

Ambas as atividades se relacionam também na transformação acarretada ao longo do tempo, visto que à medida em que o sexo deixa de ser uma atividade mecânica, tornando-se uma experiência prolongada e voltada para o prazer, a alimentação também passa de uma mera atividade nutricional à Gastronomia (BONA, 2013).

No Brasil, existe um trocadilho vulgar que diz: “Mulher oferecida não é comida”. Para DaMatta, esse trocadilho revela uma forte associação entre as comidas e o ato sexual, podendo este ser traduzido como um “ato de comer”:

A relação sexual e o ato de comer, portanto, aproximam-se num sentido tal que indica de que modo nós, brasileiros, concebemos a sexualidade e a vemos, não como um encontro de opostos e iguais [...], mas como um modo de resolver essa igualdade pela absorção,

simbolicamente consentida em termos sociais, de um pelo outro (DAMATTA, 2001, p. 60).

Clarice Lispector, ainda que não possuísse uma leitura acerca da obra de DaMatta, insere esta ideia como um indicativo da relação existente entre Xavier, Carmem e Beatriz. Por meio do trecho “Xavier trabalhava muito para sustentar as duas e a si mesmo, as grandes comidas”, é possível perceber uma ambiguidade no que tange à ideia de comida, sendo uma das possibilidades, a referência feita às mulheres, uma associação entre elas e o alimento, levando um certo tom cômico ao texto.

Retornando à ideia proposta por DaMatta, a mulher se torna livre dessa associação, segundo o autor, quando apenas dedica-se à manutenção do lar, colocando-se à disposição da família ao exercer o trabalho doméstico, seus favores sexuais e sua capacidade reprodutiva. Desse modo, a figura da mãe, da avó, ou de qualquer outra mulher que sirva ao Outro, torna-se fonte de virtude, é vista de maneira santificada. Do contrário, a mulher que domina a sua própria sexualidade, assim como as artes culinárias, poderia usar esses recursos para atingir posições de poder. Como exemplo, o autor cita as personagens Dona Flor e Xica da Silva.

Entretanto, as personagens de Lispector não atingem a tal posição de poder apresentada por DaMatta. Pelo contrário: a comida e a sexualidade aparecem como meios de controle exercido pela figura masculina, nos remetendo à ideia de dispositivo de dominação proposta por Michel Foucault. Em **História da Sexualidade I** (2014), Foucault discorre sobre o controle social exercido sobre o corpo, assim como para a sexualidade, como um meio pelo qual as instituições e políticas sociais intervêm, submetendo a subjetividade ao julgamento social. Desse modo, a expressão da sexualidade estaria fortemente comandada pelo sentido de coletividade, como uma forte estratégia de controle sobre a sexualidade dos indivíduos.

Da mesma forma que a sexualidade se tornou um mecanismo de controle, a alimentação também não é vista como uma atividade individualizada, mas como um assunto coletivo. Ambas se tornariam atos críticos de relacionamento e reprodução social, nos quais as mulheres desempenham um papel fundamental nos dois processos.

Como outra ferramenta de teor cômico, Lispector insere um jogo numérico ao longo do texto, representando num primeiro momento a estabilidade do triângulo amoroso (ARAÚJO, 2019): “Às seis horas da tarde foram os três para a igreja [...] Ao teatro os três não iam” (LISPECTOR, 1998, p. 22-23). Tal equilíbrio se rompe a partir do momento em que Xavier passa a manter uma relação extraconjugal com uma prostituta:

Um dia Xavier só chegou de noite bem tarde: as duas desesperadas. Mal sabiam que ele estava com a sua prostituta. Os três na verdade eram quatro, como os três mosqueteiros. LISPECTOR, 1998, p. 22).

A aparição do quarto elemento dilacera a harmonia que compõe a relação vivenciada pelos três, atingindo diretamente as duas mulheres:

Os três parecem formar uma unidade que é ameaçada com o aparecimento do quarto elemento: a prostituta. Tal figura é a personagem que desestabiliza o triângulo. Ela não é aceita por Carmem e Beatriz, que entre si não tinham ciúmes, mas que não toleram um elemento alheio ao triângulo harmoniosamente constituído. A ideia de harmonia entre os três amantes está tão presente no conto que, há uma passagem em que eles são comparados a uma famosa composição musical (ARAÚJO, 2019, n./p., on-line).

A partir dessa ruptura, a autora passa a demarcar as duas mulheres como um conjunto, sendo Xavier um elemento à parte: “Sentaram-se em banco de três lugares: ele no meio das duas. [...] Durante três dias ele não disse nenhuma palavra às duas” (LISPECTOR, 1998, p. 22-23). Ao mesmo tempo em que Carmem e Beatriz aproximam-se ainda mais, inclusive iniciando uma vida sexual sem a presença da figura masculina – uma aparente transgressão: “[...] apesar de não serem homossexuais, se excitavam uma à outra e faziam amor” (LISPECTOR, 1998, p. 23).

Importante apontarmos para a aparente situação de isolamento social vivida pelas mulheres, cabendo a elas apenas o espaço privado do lar – fronteira rompida apenas na companhia de Xavier, como na ida ao teatro. Ao explorar as personagens femininas nos contos que compõem **Laços de família**, Amaral (2017) aponta o feminino como uma forma de alienação e transgressão no texto, a representação de personagens

sem iniciativa e poder de decisão perante a autoridade masculina, totalmente entregues ao confinamento doméstico e às atividades cotidianas. Apesar de **A via crucis do corpo** ser construído a partir de uma ideia distinta da antologia analisada por Amaral (2017), podemos associar essas considerações ao “O corpo”.

Amaral (2017) aponta para o nascimento dos desejos insatisfeitos originados na alienação vivenciadas pelas mulheres construídas por Clarice Lispector, pela sensação de vazio ocasionada pela ausência de diálogos externos. O contato com outros mundos permitiria que essas mulheres pudessem relativizar o cenário no qual se encontram mergulhadas, aprisionadas. Beatriz e Carmem deparam-se com a constatação de um futuro inevitável: um dia os três morrerão. Tal percepção leva ambas a concluírem que não é possível apenas esperar que Xavier morra naturalmente, é necessário resolver a situação. É Carmem quem lidera a situação, Beatriz apenas obedecia:

- Na cozinha há dois facões.
- E daí?
- E daí que nós somos duas e temos dois facões.
- E daí?
- E daí, sua burra, nós duas temos armas e poderemos fazer o que precisamos fazer. Deus manda (LISPECTOR, 1998, p. 25-26).

A execução do assassinato ocorre com uma aparente naturalidade, resultando em situações que remetem o leitor ao efeito trágico-cômico (ARAÚJO, 2019):

Foram armadas. O quarto estava escuro. Elas fraquejaram erradamente, apunhalando o cobertor. Era noite fria. Então elas conseguiram distinguir o corpo adormecido de Xavier. (LISPECTOR, 1998, p. 26).

O caráter religioso do crime é o que subverte o aspecto frio do assassinato num suposto ato de amor que marca o sacrifício. Essa aproximação nos é apresentada quando Lispector apresenta o trecho “[...] matar requer força. Força humana. Força divina” (LISPECTOR, 1998, p. 26). Poderia um ato humano aproximar-se de um recurso divino? Na concepção de Bataille, o impulso de matar, característico das

guerras, excede o conjunto religioso, enquanto o sacrifício “[...] ao contrário, é o ato religioso por excelência” (2017, p. 105).

Em seu trabalho, Bataille (2017, p. 35) formula a concepção de Erotismo como uma aprovação da vida até na morte, não sendo essa uma definição do conceito, mas uma aproximação do seu sentido. A morte de um ser é descrita por ele como correlativa ao nascimento de um outro alguém, atuando como um anúncio e uma condição, a vida decorrendo da decomposição da vida. A morte seria como um tributo, desocupando uma vaga para que as substâncias necessárias à vida fossem postas em circulação, resultando no que o autor chama de “corrupção”.

No texto clariciano, a corrupção morte/vida é apresentada quando as duas mulheres enterram o corpo de Xavier numa “terra de bom plantio” (LISPECTOR, 1998, p. 26), gerando uma terra fértil, na qual são plantadas rosas vermelhas. O assassinato assume um teor erótico e um caráter de sacrifício quando a “vítima” é levada a uma continuidade do ser, quando a violência da ação rompe o caráter limitado que a envolve, conduzindo-a ao ilimitado, pertencente à esfera sagrada (BATAILLE, 2017), representada no conto pelo plantio da natureza sobre a cova.

O vermelho das rosas nos remete ao sangue: “[...] o rico sangue de Xavier escorria pela cama, pelo chão, um desperdício” (LISPECTOR, 1998, p. 26). Bataille descreve o sangue como um jorro de vida carnal, a violência exterior praticada no ato do sacrifício revelando a violência interior do corpo humano. O autor prossegue: “Se há interdito, é, a meus olhos, de alguma violência elementar. Essa violência é dada na carne: na carne, que designa o jogo dos órgãos reprodutores” (BATAILLE, 2017, p. 117). Aparentemente, assim como o corpo, o sangue também seria um elemento transitório entre morte/vida, o que faria com que Carmem e Beatriz lamentassem o seu depósito em material infértil.

O desfecho do conto é breve, e até divertido, mas culmina num momento de silêncio. Há a chegada da polícia, que cava o jardim e encontra o corpo de Xavier. A solução proposta pelo policial é surpreendente: “Vocês duas [...] arrumem as malas e vão viver em Montevidéu. Não nos dêem maior amolação” (LISPECTOR, 1998, p. 28). A fala do policial causa uma sensação de descaso com o ocorrido, uma contraposição à seriedade do crime, surpreendendo o leitor:

Neste fragmento, o leitor é surpreendido pelo inesperado e ilógico. Ele espera que a polícia incrimine as mulheres, mas o que acontece é justamente o contrário, há um descaso em relação ao crime que elas cometeram. A atitude da polícia pactua com a idéia de mundo ao revés, ideia que coincide com o efeito trágico-cômico dado ao texto. O final inusitado encerra um contra-sentido, que impede a sensação de terror ou piedade (ARAÚJO, 2019, n.p., on-line).

A possibilidade de que o crime seja motivado por um amor em busca da continuidade do ser, e não por razões passionais, ou motivado pela ideia de vingança, aproxima-se mais da personalidade de Carmem e Beatriz. A “imolação do cordeiro” é inevitável, está acima de qualquer poder de escolha que as mulheres possam ter, o que as leva a lamentar até o fim a morte do grande amor de ambas. Guardar o livro de culinária em castelhano e partir para um destino antes visitado pelos três pode ser mais um indício da busca pela continuidade proporcionada pelo sacrifício. Justificaria também a complacência dos policiais perante todos os indícios de um crime: o domínio religioso do ato sobrepõe-se às leis terrenas.

É provável que a verdadeira traição não seja a relação extraconjugal com a prostituta, ou o crime, mas o perdão que as mulheres receberam, a ausência de punição e a eventualidade de reiniciarem a vida sem a figura masculina. Como resultado, não há qualquer “lição de moral” que o leitor possa extrair do texto, nem respostas. Clarice Lispector encerra o texto com o mesmo tom cômico: “[...] as duas disseram: muito obrigada. E Xavier não disse nada. Nada havia mesmo a dizer” (LISPECTOR, 1998, p. 28).

Referências

AMARAL, Emilia. **Para amar Clarice**: como descobrir e apreciar os aspectos mais inovadores de sua obra. Barueri: Faro Editorial, 2017.

ARAÚJO, Rosa Maria. **A via crucis do humor**: uma leitura do conto “o corpo”, de Clarice Lispector. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/v00006.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BONA, Fabiano Dalla. Comer e ser comida: corpo, gastronomia e erotismo. **Revista Interfaces**, v. 19, n. 19, Rio de Janeiro, p.189-198, 2013.

CHIARA, Ana Cristina. [Orelha do Livro]. In: LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DAMATTA, Roberto. Sobre comidas e mulheres. In: DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **A via crucis do corpo**. Disponível em: <<https://claricelispectorims.com.br/livro-a-livro/a-via-crucis-do-corpo/>>. Acesso em: 27 dez. 2019.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Recebido em: 27 de agosto de 2020

Aceito em: 02 de novembro de 2020